

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
3.º VOLUME

◆
O JUDEU
O INFERNO
A TRAIÇÃO
DO PADRE MARTINHO

◆
ORGANIZAÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS
DE LUIS FRANCISCO REBELLO

CAMINHO

BERNARDO
SANTARENO

OPUSCULO 2420
21710 V. 3



Título: **Obras Completas — 3.º volume**

Autor: Bernardo Santareno

Capa: Delgado Godinho

Orientação gráfica: Secção Gráfica da Editorial Caminho

Revisão tipográfica: Secção de Revisão
da Editorial Caminho

© Bernardo Santareno e Editorial Caminho, SARL
Lisboa, 1986

Tiragem: 3000 exemplares

Composição e impressão: Guilde - Artes Gráficas, Lda.

Data de impressão: Setembro de 1986

Depósito legal n.º 10 682/85

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
3.º VOLUME



O JUDEU
O INFERNO
A TRAIÇÃO
DO PADRE MARTINHO



*Organização, posfácio e notas
de Luiz Francisco Rebello*

CAMINHO

A TRAIÇÃO DO PADRE MARTINHO

Narrativa dramática
em três actos

1.ª edição, 1969 (Ática); 2.ª edição, 1970 (Panorama); 3.ª edição, 1973 (Ática); 4.ª edição, 1974 (Editores Associados).

Tradução húngara de Vilmos Benczik, incluída no volume *Mai Portugal Drámák*, Budapeste, 1980 (Europa).

Representada pela primeira vez em La Havana (Cuba), pelo Grupo Rita Montaner, na Sala El Sótano, em Novembro de 1970, traduzida por José Triana, Chantal Dumaine, Teresa Paulo e Rogério Paulo, numa encenação deste último, com cenografia de Hector Lechuga, música de Carlos Paredes e a seguinte interpretação (por ordem de entrada em cena): Sara Reina (Maria Besoiro), Esmérita Ramirez (Esposa 1 e Camponesa), Marta Damaure (Esposa 2 e Camponesa), Sergio Prieto (Engenheiro, Sardinha, Soldado e Camponês), Fausto Montero (Lavrador, Soldado e Camponês), Daniel Jordán (Bispo, Deputado e Camponês), Ernesto Moréjon (Narrador e Camponês), Jesús Requejo (Ti Faustino e Camarada 2), Otilia Cabrera (Maria Parda), Xiomara Calderón (Mulher), Roberto Figuera (Albino), Nestor Gómez (Miguel e Fotógrafo), Roberto Vega Llorit (Tóino Geada e Repórter), Eugenio Hernández (João Besoiro e Camarada 1), Miguel Montesco (Vigário, Sargento e Camponês), Jorge Losada (Cónego, Polícia à Paisana e Camponês), Belén Otero (Ti Anica), América Cruz (Rosa), Rosendo Lamadriz (Padre Martinho).

Representada pela Companhia Rafael de Oliveira, no Teatro Maria Matos, em 24 de Setembro de 1974, e depois no Teatro Desmontável Rafael de Oliveira, numa encenação de Rogério Paulo, com música de Carlos Paredes, cenografia de Hector Lechuga e a seguinte interpretação: Lisette Frias (Maria Besoiro), Maria Teresa (Esposa 1 e Camponesa), Ana Maria de Andrade (Esposa 2 e Camponesa), Alberto Vilar (Engenheiro, Sardinha, Soldado e Camponês), Pedro Pinheiro (Lavrador, Soldado e Camponês), Fernando de Oliveira (Bispo, Deputado e Camponês), Joaquim Rosa (Narrador e Camponês), Humberto de Andrade (Ti Faustino e Camarada 2), Geny Frias (Maria Parda), Idalina de Almeida (Mulher), Júlio Cleto (Albino), Alexandre Passos (Tóino Geada e Fotógrafo), Alvaro Faria (Miguel e Repórter), Mário Sargedas (João Besoiro e Camarada 1), Rui Furtado (Vigário, Sargento e Camponês), Fernando Frias (Cónego, Polícia à Paisana e Camponês), Gisela de Oliveira (Ti Anica), Guida Maria (Rosa), António Rama (Padre Martinho).

Personagens do primeiro acto

(Por ordem de entrada em cena)

PADRE MARTINHO

NARRADOR

TI ANICA

ROSA

MARIA PARDA

LAVRADOR

TÓINO GEADA

ENGENHEIRO

JOÃO BESOIRO

MIGUEL

TI FAUSTINO

VIGÁRIO

BISPO

SARDINHA

1.º PADRE-SECRETÁRIO

2.º PADRE-SECRETÁRIO

ESPOSA I

ESPOSA II

ALBINO

CAMARADA I

CAMARADA II

POLÍCIA À PAISANA

Homens e Mulheres do Cortiçal, dois Padres-Estátuas, dois Criados-Estátuas

Primeiro acto

No palco nu, ao centro fundo, um estrado rectangular que comunica com o pavimento cénico por três troços de escada, à frente e aos lados, e por uma rampa suave, atrás. Estrado, escadas e rampa feitos de madeira tosca. Ciclo-rama.

Canto litúrgico em latim abastardado: vozes rurais e gritadas, quase todas femininas. Sobe o pano. Escuro total. Silêncio. Luz focada, vinda de cima, sobre o estrado: o Padre Martinho faz uma das suas práticas habituais. É um homem novo, magro e moreno, de feições um tanto grosseiras mas impressionantemente iluminadas de dentro, nos olhos. Dirige-se aos espectadores do teatro.

PADRE MARTINHO: Amados irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo: hoje queria dizer-lhes algo sobre o valor das nossas vidas humanas, terrenas. Eu sei que há a morte. Não esqueço a alma e a vida eterna. Mas não esqueço também o dogma da ressurreição da carne: um dia virá — é promessa divina! — em que cada um de nós, e todos os que nos precederam na vida desde o princípio dos tempos, e todos os que nos continuarem na vida até ao fim do mundo, um dia virá em que todos havemos de ressurgir, na verdade dos nossos corpos inteiros e completos, em tudo iguais ao que na Terra fomos. Iguais, meus senhores: voz, olhos, braços e pernas, ventres. Iguais, meus irmãos! Não só a alma é imortal, também a carne o é. Porquê, pois, desprezar o corpo? Porquê

roubá-lo, espezinhá-lo na sua fome legítima de alimentos, nas suas legítimas necessidades de lar e amor, de respeito e de justiça, de afirmação espiritual e de promoção social? Porquê? Em nome de quê? O meu, o teu corpo — este, esse mesmo! — hão-de um dia ressurgir do nada da morte. Isto é verdade e é perigoso esquecê-lo! Há muita gente interessada em que o esqueçam, meus irmãos. Fome, sede, frio, impossibilidade económica de dignamente constituir família, condição irreversível de escravatura mascarada? Não, isso não é da vontade de Deus! Não, não é não! Os vossos corpos não merecem tal sorte, não foram criados desde toda a eternidade para isso. «O homem é — diz Santo Ireneu — a glória de Deus.» Mas há tanto senhor rico e importante, tanto venerável católico, empenhado em esconder a vontade de Deus!... «Não dás a tua fortuna — assim afirma Santo Ambrósio — aos seres generoso para com o pobre, tu dás do que lhe pertence. Porque aquilo que tu te atribuis a ti foi dado em comum, para o uso de todos. A Terra foi oferecida a todos e não apenas aos ricos!» Por amor de Deus, irmãos meus, meditem, assimilem, comam estas palavras: façam com elas carne e sangue. E se lhes vier a tentação da violência, não tenham medo, não fujam; aguentem! Lembrem-se de Sua Santidade Paulo VI que, dirigindo-se a vós, escreveu: «Certamente há situações cuja injustiça brada aos céus. Quando populações inteiras, desprovidas do necessário, vivem numa dependência que lhes corta toda a iniciativa e responsabilidade, e também o acesso à carreira social e política, é grande a tentação de repelir pela violência tais injúrias à dignidade humana.» (*Pausa. Percorrendo a assistência com os olhos, amargurado.*) Até eu, eu também!, não uma, mas muitas vezes, tenho sentido a tentação da violência...

(Imobiliza-se em silêncio. Um novo foco de luz procura e centra a figura do Narrador, no proscénio, à extrema-esquerda. É um homem à volta dos quarenta anos, intelectualizado mas simples, comunicando calor humano apesar da frequência com que ironiza.)

NARRADOR (*para os espectadores, indicando o padre*): É o Padre Martinho, pároco do Cortiçal... Bom, se quiser ser absolutamente verdadeiro, dir-lhes-ei que nem o padre se chama Martinho nem a terra Cortiçal. Mas, aqui no teatro,

terão estes nomes. Manda a prudência que assim se faça: é que os principais acontecimentos desta narrativa que me propus contar-lhes são autênticos, deram-se de facto! Vieram mais ou menos descritos em todos os jornais — com as omissões e os sublinhados habituais, claro! Compreendem-me agora? Por isto, o protagonista da minha peça se chama Padre Martinho (*indica o padre, que está agora a ler o breviário*) e o lugar onde ela se passa Cortiçal. É, como vêem, um homem novo... quase um rapaz... 26 anos apenas! Veio para aqui, mal saído do seminário. O Cortiçal é uma terra pobre, «lugar de injustiça», como ele costuma dizer. E chegou em boa hora. Já lá vão dois anos. Foi «uma bênção, uma esmola do céu!»: o povo é unânime. Aqui, as terras de lavoura pertencem quase todas ao senhor... Bom, chamemos-lhe o Lavrador. (*Este aparece à direita, em primeiro plano, juntamente com o Engenheiro.*) O outro... aquele senhor vestido à moda da cidade, é o... Para nós, será o Engenheiro. Eu explico já: no Cortiçal, além da lavoura, existe uma fábrica. Uma só. De cortiça, é claro. O resto... são umas migalhas de terra, divididas e subdivididas pelos ditosos aldeões que dos seus paupérrimos pais as herdaram. (*A luz mostra-nos agora, sentado nas escadas, um grupo de camponeses, homens e mulheres; velhos quase todos e pouco menos do que andrajosos.*) Os trabalhadores rurais queixam-se da vida: pagam-lhes mal. E os operários da fábrica (*luz sobre um grupo de Operários, geralmente mais novos*) também se queixam: trabalham muito, a troco de pouco. Com tudo isto, uma aldeia como tantas no nosso país. E mais um problema — gravíssimo! — a pesar na economia do Cortiçal: refiro-me, já se sabe, à emigração. Para França, principalmente; também para a Alemanha: daqui a pouco, não há homens novos nesta terra! Como em quase todas as aldeias de Portugal, ao cabo e ao resto. E a tropa, a guerra de África?... Bom, mas deixemos agora isto. É do Padre Martinho que queria falar-vos. Uma coisa é certa: o pároco conquistou inteiramente a arraia-miúda do Cortiçal. Porquê? De que maneira? Pois eles que vo-lo digam...

(*Vinda do fundo, pela rampa, aparece no estrado a Ti Anica. Chegada à frente, olha com ternura para o Padre Martinho. Dirige-se aos espectadores.*)

TI ANICA (*cinquenta anos, vestida de luto*): O quê, o Padre Martinho? Ai, ricos senhores do meu coração, só lhes

digo uma coisa: foi uma bênção, uma esmola do céu que caiu nesta terra! E olhem que ninguém o conhece melhor do que eu. Ninguém! Quero-lhe como se ele fosse... Ora, como se ele fosse meu filho! Sou eu quem cuida dele, quem o arranja e lhe faz o comer. Jesus, se vissem o que esta alminha come! Eu nem sei como o pobre se sustém de pé... As mais das vezes, fica-se com um caldo de verdes, mais um naco de bacalhau a servir de conduto... Cuidam que é mentira? Assim eu tenha tão certa a salvação da minha alma! Carne, na casa do Padre Martinho? Só em dia santo. E água, água do poço, que o vinho não lhe molha a ele a goela... Isto é lá comedura para um homem na força da vida! Como ele aguenta é que eu não sei... Bem me farto de lhe dizer, e ralar, mas... É tudo prós outros, tudo! Não é assim, Rosa? (*Chamando para o fundo.*) Oh, Rosa! (*Para os espectadores.*) A minha filha que diga...

(*Surge Rosa, na rampa do fundo: tem só quinze anos e esbanja uma alegria profunda e dura, puríssima, muito pouco permeável às disritmias da nervosidade.*)

ROSA: Aqui estou...!

TI ANICA: É ou não verdade, Rosa?

ROSA (*riso trocista*): O quê, minha mãe? (*Aproxima-se do Padre Martinho.*)

TI ANICA: O quê?! Que ele não come nada, que mal prega olho... que anda a matar-se às migalhinhas! Valha-me Deus!

ROSA (*a observar o Padre Martinho; em jeitos de brincadeira infantil e afectuosa, um tanto zombeteira*): Basta olhar para ele: parece um cabrito esfolado! (*Gargalhada. O Padre Martinho fecha o breviário; sorri, natural, para a rapariga.*) Bem arrançadas estamos nós com tal patrão! O que me vale a mim é a fruta que pilho por esses campos fora... (*Morde uma maçã que tirou do bolso do avental. O padre faz um gesto divertido de reprimenda.*) Roubo, sim senhor! Mas depois digo tudo aos donos. (*Gargalhada.*) Ninguém é capaz de me ralar. Por isso, não tenha cuidados, senhor Padre Martinho! Eles pensam todos que eu sou maluca... (*Gesto indicador-fronte. Para os espectadores, maliciosa.*) Mas não sou. (*A brincar, o Padre Martinho confirma com o gesto indicador-fronte.*) Ah, sou? Mais tonto é o senhor padre, que dá tudo a toda a gente.

e só tem essa andaina que traz no corpo, mais uma camisola de dentro...

TI ANICA (*escandalizada*): Rosa!...

ROSA (*gargalhada*): Duas cuecas...

TI ANICA (*afrita*): Rosa!

ROSA (*imitando-a*): Ti Anica!? (*O Padre Martinho ri com gosto, claro, infantil. Rosa dá outra dentada na maçã.*) Doudo, inocentado de todo! Deu a cama de ferro ao Ti Faustino...

ROSA: Os cobertores à Ti Maria Parda e o colchão ao Tóino Geada! E agora dorme numa enxerga pior que a do meu burro... (*Gargalhada. Gesto indicador-testa para o Padre Martinho.*)

TI ANICA (*perdida de riso*): Rosa!

MARIA PARDA (*que tem estado sentada nos degraus, no grupo dos camponeses; é uma velha envolta em trapos lutosos. Levantando-se, para o público*): É a pura da verdade, meus senhores: o Padre Martinho deu-me os cobertores da sua própria cama! O ano passado pelos Santos, vieram-me umas febres ruins, tão picadas de arrepios e calafrios que não havia roupa que me aquecesse... E vai daí aquele anjo deu-me os cobertores, deu-me dinheiro prà botica e... (*a choramingar*) ai, deu-me dinheiro pra dobrar a malvada da doença, aqueceu o meu coração com palavrinhas mais doces que o mel! E cuidam que foi só uma vez? Pois não senhores: todos os dias, todos sem falhar um!, aquele santo arranjou tempo e modos de passar um bocadinho à minha cabeceira... Nem que fosse um neto, um filho das minhas entranhas! Devo-lhe a vida. Meu rico Padre Martinho!... (*Olhando de soslaio para o Lavrador, recriminativa.*) Que quem tinha obrigação, quem me comeu a carne moça com trabalhos e canseiras — a mim e aos meus! —, esse não me quis roer os ossos... Ora se quis! (*Senta-se.*)

LAVRADOR (*para Maria Parda*): Naturalmente ainda achas pouco! Isto, com franqueza...! (*Para o público.*) Esta mulher tem setenta. Ou, se os não tem, pouco lhe há-de faltar. O trabalho que ela faz agora não vale o duma criança... Agora? Há dez ou quinze anos que o que ela rende ou nada é o mesmo. E eu pago-lhe a jorna inteira duma mulher. Pois, como vêem, ainda fala!... Pudera, que isto da lavoura está bom... Olá, se está! Dá para gozar e esbanjar... Tu não tens vergonha nessa cara, mulher? Morder os dedos de quem te

deu o pão, a vida inteira!... Que raio de gente! Ah, são piores que bichos!

TÓINO GEADA (*levantando-se, no sector dos operários*): Eu cá sou o Geada. O Tóino Geada. Tenho vinte e cinco anos e não gosto de padres. Ná, não sou de missas, nem de sermões! Quando aquele (*indica o Padre Martinho*) não conseguiu levar-me, mais nenhum me levará. Ele bem me fez o cerco, mas eu não vou nas suas cantigas: que torna e mais que deixa, mais isto e mais aquilo... Pois sim, rala-te! Há uma coisa neste padre que não encontrei em mais nenhum: é que ele não tem ronha, faz sempre jogo franco. Mas, mesmo assim: o Tóino Geada, quando lhe tocam a música do céu e do inferno, fica mais surdo que uma porta!... Não, nunca fui nas conversas dele, mas isso não quer dizer nada: gosto do Padre Martinho, tendo-lhe amizade. É como um irmão. Como um irmão, digo-lhes eu! Quando foi do meu casamento... (*Brejeiro.*) Bom, o meu casamento foi um bocado... Estão a compreender? Pois, tive de casar, fui obrigado: adiantei-me... Estão a ver a encrenca, hã? Não tinha um banco, um trapo, nada... Foi o Padre Martinho quem nos deu o enxoval quase todo... Estás a ouvir, Rosa? Olha que não foi só o colchão, hã? E arranhou-me trabalho na fábrica...

ENGENHEIRO (*untuoso*): Um desejo do senhor Padre Martinho é uma ordem...

TÓINO GEADA (*para o público, referindo-se ao Engenheiro*): Quando te cheira! (*Continuando.*) Estou a falar a sério: este Padre Martinho é um tipo formidável! Nem parece padre. Quando adrega, bebe dois copos com a gente, acolá na taberna, pois então! Ali, como um homem. E fala direito, discute de igual para igual: conversas do tempo de hoje, assuntos do nosso interesse... Pois que cuidam? Coisas que um homem entende, como jornas e regalias do operário. Ou julgam que ele é daqueles que, quando abre a boca, é sempre pra chatear com o «Nosso Senhor» e a «Virgem Maria»? Não, senhores: o Padre Martinho é diferente. É um homem. Um tipo fixe. Um homem, digo-lhes eu! Ná, ele não é um padre... (*Emendando.*) É, mas não é como os outros. (*Senta-se.*)

JOÃO BESOIRO (*igualmente do grupo dos operários. É um homem alto e entroncado, com cerca de quarenta anos; apaixonado, duro e combativo. Levantando-se*): Falaste bem, Tóino Geada. (*Para o público.*) Ele tem razão. É assim mesmo.

Já conheci mais dois padres no Cortiçal: diferentes deste como a noite do dia. Pois que pensam? Ali onde o vêem, o Padre Martinho conhece tão bem a fábrica e as nossas precisões como a gente: vai lá ter connosco, aconselha-nos, mostra-nos claro onde está o justo e o injusto, põe água na fervura quando é de pôr, ajuda-nos a fazer barreira quando é caso disso...

ENGENHEIRO (*indignado*): Ajuda, ajuda, disso tenho eu a certeza! E tu ainda o vens dizer em público, meu malandro?! (*Para os espectadores.*) Um padre! Um ministro de Deus!... Vão assim os tempos de hoje. Prezo-me de ser um bom católico. Toda a gente, nesta região, me conhece e sabe a firmeza das minhas ideias. Creio humildemente que sou bem informado e que pratico a caridade cristã como me ensinaram os meus maiores: portanto, tenho alguma autoridade para falar. Sempre me dei bem com os párocos do Cortiçal: nem doutro modo seria de esperar. Respeito e venero o senhor Bispo da diocese, que faz o favor de ser meu amigo. Pois bem: a este, ao Padre Martinho, por mais que me esforce — e Deus sabe como esgotei as tentativas! —, não sou capaz de o compreender. Deixei-o entrar na minha fábrica, confiante, lealmente. Como se casa sua fosse. Aliás como poderia eu impedir um sacerdote católico de exercer, em plena liberdade, o seu apostolado junto de trabalhadores meus?! (*Para o Padre Martinho.*) Estou a mentir? (*Para os operários.*) É, ou não, verdade? (*O Padre Martinho baixa os olhos, disfarçando um sorriso de ironia e desprezo. Os operários contêm uma máquina de troça, em alguns hostil. Novamente para o público.*) Pois quem saber a paga que recebi da minha boa fé e do meu zelo cristão? Pelo menos duas amotinações, duas greves ridículas, são obra do nosso Padre Martinho: que, se não fosse ele, mais as razões que lhes dava, mais os «améns» com que apoiou as suas pretensões absurdas, nunca aquilo teria acontecido! Estão os senhores a ver, hã? Claro, acabei por ser obrigado a proibir-lhe a entrada na fábrica. Ai, tristes e conturbados tempos estes em que um bom católico se vê coagido a defender-se dum sacerdote do seu próprio credo, como se de inimigo aturado e manhoso se tratasse!...

MIGUEL (*ainda do grupo de operários. É um homem novo*): O senhor Engenheiro proibiu a entrada do Padre Martinho lá na fábrica, mas não ganhou nada com isso. (*Para o público.*) A gente trá-lo ao corrente de tudo. E proibiu, por-